

David Palatino

**VIVER
E PROCLAMAR
A PALAVRA**



Reflexões Dominicais e Solenidades
Ano B – São Marcos



PREFÁCIO

O Evangelho é Boa Nova, anúncio de uma mensagem portadora de uma novidade inaudita, desafiante e transformadora, radicada na pessoa e no ministério de Jesus. Neste ano B, a liturgia da palavra das celebrações dominicais terá como referência o evangelista São Marcos, pioneiro, porque primeiro, deste género literário que fará escola na tradição bíblica cristã neotestamentária.

Porém, um evangelista, mesmo quando se trata de um texto tão sintético como o de São Marcos, o mais pequeno dos evangelhos canónicos, não se limita a narrar uma história ou a transmitir uma informação. De facto, o Evangelho possui uma intencionalidade performativa, pragmática e retórica, que visa não só dar a conhecer mas também convencer o leitor acerca da credibilidade daquilo que é escrito. Também neste caso, São Marcos dá por garantido que o texto irá agir sobre o leitor, e por isso usa estratégias narrativas e literárias que procuram construir o leitor nas coordenadas que o próprio Jesus marcano define.

Umberto Eco afirma que «o texto é um mecanismo preguiçoso que precisa do leitor para funcionar». Mas um leitor completamente entregue ao que lê também não prescinde desse ato para existir. No contexto da Bíblia, se é verdade que, como dizia São Gregório Magno, «as palavras divinas crescem juntamente com quem as lê», também não é menos verdade que no ato de leitura, não é apenas a Escritura que é lida, é o próprio leitor que é “lido” (e transformado) por aquilo que lê.

Este livro não oferece respostas para as inquietações do leitor, mas fornece pistas para que os textos bíblicos possam ser corretamente interpretados e assim se tornem desafio interpelante e palavra transformante, seja pessoal seja comunitariamente. E se há coisa que humildemente devo reconhecer é que não procuro oferecer soluções fáceis e imediatas às perguntas que os textos podem suscitar. Aliás, se há característica que o Evangelho de Marcos possui é a de

não se contentar com visões simplistas dos factos. O Evangelho é uma verdadeira máquina de “fazer discípulos”, transformando uma simples biografia de Jesus num verdadeiro livro do desassossego carregado de dinamismo, movimento e itinerância. Para o realizar, Marcos apresenta uma sucessão rápida e fragmentada de pequenas unidades narrativas (parábolas, encontros, curas, diálogos), que deixa o leitor com falta de ar. Além disso, é frequente permanecerem palavras sem resposta, movimentos esboçados e iniciados, mas não cumpridos. O segredo messiânico da identidade de Jesus é uma prova constante desse enigma que perpassa toda a narrativa.

Jesus é Alguém que está sempre a fugir, que não se deixa agarrar. Rapidamente muda de um lugar para o outro: dos lugares desertos à casa, da rua à sinagoga, da margem do lago à montanha. O leitor vive mergulhado nesta itinerância, nesta inquietante busca de Jesus, que veicula a identidade do discípulo como aquele que segue Jesus, e não tanto o que escuta Jesus (como era típico do Evangelho de Mateus). Tudo o que se sabe ou sabia sobre Jesus é submetido a exame: os discípulos são constantemente confrontados com a sua incredulidade e dureza de coração.

O leitor do Evangelho de Marcos é, por isso, um leitor em caminho. O Evangelho de Marcos resiste a uma conclusão sistemática, a uma palavra conclusiva e definitiva. É um livro aberto. Jesus continua a preceder-nos na Galileia (16,7). Marcos foge da tentação de domínio do saber teológico sobre Jesus. Este livro procura, por isso, sinalizar e orientar o leitor nesse caminho, fazendo desta viagem pela Palavra uma verdadeira peregrinação cuja meta é a comunhão com o Pai e o reconhecimento do Filho de Deus.

O leitor de Marcos é um leitor agitado e abalado, que não recebe todos os elementos de uma vez, e por vezes tem de reconfigurar o próprio caminho. A pergunta que paira no ar será sempre: «Como conhecer e encontrar Deus?» Uma pergunta que dura a vida toda. Assim, através desta publicação, pretendemos que o leitor também vá crescendo enquanto discípulo, não através das respostas que dá mas com as questões que suscita.

David Palatino